



A representação gráfica da variação linguística no gênero transcrição televisiva

Eliabe Procópio¹
Fabricio Paiva Mota²
Marcus Garcia de Sene³

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo discutir a representação gráfica da variação linguística no gênero transcrição televisiva. Para tal, analisa as bases da grafia da língua portuguesa, discute o estatuto do gênero dentro dos estudos sociolinguísticos e caracteriza a transcrição televisiva como o gênero que cumpre a função de apresentar textualmente uma fala dentro de outro gênero, a notícia televisiva. Tal apresentação não é literal, mas segue padrões sociais da esfera jornalística, que objetiva construir uma imagem do entrevistado para o seu público-alvo. A transcrição televisiva é a representação gráfica da fala em função argumentativa dentro do contexto jornalístico.

PALAVRAS-CHAVE:

Gênero;
Transcrição;
Variação;
Grafia;
Televisão.

Os autores:

¹ Prof. do Curso de Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/FCLAR). E-mail: eliabe.procopio@ufrr.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9766-1686>

² Prof. do Curso de Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/FCLAR). E-mail: fabricio.mota@ufrr.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5136-8222>

³ Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/FCLAR). E-mail: unesp.marcus@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2715-5294>

1. INTRODUÇÃO

A transcrição é uma forma de reproduzir textualmente a fala e segue diversos modelos de reprodução gráfica. No âmbito judiciário, a transcrição do interrogatório é o registro total das falas entre as autoridades, o acusado e seu advogado. Não se registram usos considerados como erro pela gramática normativa, registram-se os turnos de fala orientando-se pelo conteúdo e pela expressão acertada do diálogo.

A transcrição do interrogatório¹ judicial entre o juiz Sérgio Moro e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, por exemplo, demonstra que apesar do ex-presidente ser conhecido pelo uso da não normativa da concordância nominal, o registro de suas falas segue o padrão da correção gramatical. A comparação entre o vídeo do interrogatório e a transcrição revela que as variações linguísticas, e mesmo as falas truncadas ou interpoladas, não são registradas. O objetivo da transcrição judicial parece ser registrar as falas em seu conteúdo, simulando uma troca de turno mais ou menos harmoniosa.

Existe, no entanto, outro tipo de transcrição, a que se faz para o meio televisivo, a que se utiliza como ilustração em uma notícia vinculada em telejornais. Nesse tipo de transcrição, o padrão é outro: ora se registram as falas sem se sinalizar marcas de variação, ora se registram sinalizando que certas palavras foram articuladas mais próximas de um uso informal ou mais ou menos informal. Isto é, nem toda transcrição é uma representação fiel ao material original, pode existir uma diferença entre o que se transcreve e aquilo que é transcrito.

A **hipótese**, então, é que essa diferença tem relação com o propósito e a esfera de uso desses respectivos gêneros, isto é, o produtor do gênero transcrição se orienta pela visão que ele tem sobre o entrevistado e procura construir uma imagem desse entrevistado para o leitor, utilizando a escrita. Para tal, o produtor do gênero ora registra, ora deixa de registrar elementos gráficos que indiquem uma variação linguística na fala, especialmente a variação fonética e a lexical.

Essa construção da imagem do entrevistado é uma decisão do transcritor ou da equipe editorial, que resgata determinados estilos sociolinguísticos, disponíveis na memória coletiva de uma comunidade linguística (o público-alvo), para que assim execute seu plano argumentativo.

¹ A totalidade desse material está disponível no portal Uol, por exemplo: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2017/05/12/leia-a-integra-do-depoimento-de-quase-5-horas-de-lula-a-moro-na-lava-jato.htm> - último acesso em: 15/11/2019.

Este artigo tem o **objetivo** de discutir a representação gráfica da variação linguística no gênero transcrição televisiva, por se observar que há diferença entre a fala do entrevistado e a sua representação na telenotícia (TN). Para cumprir essa tarefa, esta pesquisa objetiva também selecionar um conjunto diversificado de notícias televisionadas que apresentem alguma transcrição de fala, identificando nelas quais marcas de variação são registradas e quais não são. Com isso, objetiva ainda relacionar a presença ou não dessas marcas com os aspectos discursivos do gênero, tais como: o grau de formalidade, as características do telejornal, o conteúdo da matéria e, principalmente, o perfil social do entrevistado.

2. AS BASES DA REPRESENTAÇÃO GRÁFICA EM PORTUGUÊS

A grafia é uma representação escrita de uma língua e, dentro dos estudos linguísticos, constitui-se como um importante material de pesquisa, porque ela resulta de um longo e complexo processo histórico, que envolve várias tecnologias de escrita, aciona diferentes suportes para circulação textual e reflete os diversos contextos de uso da língua.

Apesar de oficialmente sistematizada, a grafia da língua portuguesa pode dar pistas de como as pessoas falam, principalmente, quando o usuário da língua produz gêneros textuais em contextos mais informais. Essa grafia pauta-se por diferentes orientações, algumas de base linguística, outras de base histórico-social. As orientações linguísticas são quase sempre do nível fonético-fonológico e fundamentam regras, como, por exemplo, de acentuação diferencial (pôde/pode, têm/tem), de acentuação de proparoxítona (chácara), de oxítonas terminadas em vogais tônicas (sofá) e em ditongo nasal (porém), de acentuação de nasalidade (manha/manhã), de vogal fechada (avô), de acentuação de supressão de fonema (copo d'água) etc.

As orientações de base histórico-social fundamentam, por exemplo, a manutenção da letra h quando etimológica em hábito (do latim habitus), palha (resultado da palatalização da palavra latina palea), o uso da letra j para palavras de origem ameríndia ou africana (canjica, jenipapo, jerimum etc.). Ainda nessa base social, existem as regras que orientam o uso de letras maiúsculas e minúsculas, a divisão silábica, a escrita de palavras compostas e assim por diante.

Essas orientações são apresentadas aos falantes da língua portuguesa a partir dos primeiros anos escolares e, principalmente, por meio da gramática normativa e dos livros didáticos, os quais parecem reduzir o estudo da grafia portuguesa ao aspecto normativo. É óbvio que as pessoas vão à escola para aprender os usos cultos da língua, que se fundamentam principalmente na língua escrita, formal e literária

(BAGNO, 2004). Contudo, a grafia de uma língua não se orienta unicamente por elementos linguísticos, e não se pode reduzir o elemento histórico-social a uma visão estritamente gramatical, etimológica e historicista.

O trabalho com grafia, orientado pelo elemento histórico-social, deve considerar também os âmbitos de usos linguísticos e os efeitos de sentido pretendidos, afinal são eles que norteiam as convenções ortográficas. Uma prova disso são as reformas ortográficas pelas quais passou a língua portuguesa. O âmbito de uso da língua funciona como uma moldura que seleciona estratégias sociais, históricas e cognitivas, gerenciando-as conforme o propósito comunicativo a que se pretende alcançar. Sendo mais específico, essa moldura é o gênero, cuja composição reflete mais ou menos as características do âmbito de uso para o qual ele foi acionado.

Os efeitos de sentido pretendidos são as intenções que gerenciam os usos da língua, afinal a grafia é eminentemente visual. Em um momento, pretendeu-se dar ares cultistas à escrita portuguesa, importando-se para ela o modelo greco-latino. Em outro momento, pretendeu-se dar ares nacionais ao português resgatando-se falsas etimologias, por exemplo. A partir da última reforma ortográfica (1990), a escrita de língua portuguesa passou a ter um aspecto visual mais simples e mais prático, unificando e facilitando a escrita na Lusofonia.

Diante desse cenário, este artigo propõe discutir a transcrição dentro de um contexto teórico que se move entre os estudos da variação e os de gênero, visto que a transcrição é alçada à posição de gênero cujo propósito mais imediato é representar graficamente uma fala.

Esse processo da representação é acionado para um fim específico (pesquisa, divulgação, conservação, exposição etc.), e não se fundamenta em um critério exclusivamente linguístico, mas social. Como um gênero produzido para fins específicos, a produção de uma transcrição sempre está atrelada a uma esfera profissional, o que significa dizer que ela é feita conforme regras ou práticas comuns a uma esfera laboral.

3. OS ESTUDOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O GÊNERO

Variação linguística e gênero (de texto) são dois conceitos importantes para os estudos linguísticos, porque fundamentam duas grandes áreas, a Sociolinguística e as Teorias de Gênero, que aparentemente não compartilham princípios e procedimentos metodológicos. No entanto, as pesquisas sociolinguísticas vêm incluindo a noção de gênero como um de seus critérios de análise. Pelo menos, essa tem sido

uma prática indicada no resumo dos trabalhos disponíveis no banco de teses e dissertações, que foram defendidas nos últimos dez anos na Universidade Estadual Paulista (UNESP/Araraquara – Sudeste), na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC – Sul) e na Universidade Federal do Ceará (UFC – Nordeste).

Essa prática metodológica responde uma necessidade de incluir elementos contextuais mais precisos e mais relacionados à própria constituição do enunciado, e reflete uma prática já bem divulgada que é o uso de corpus linguístico, em cuja composição o gênero é incluído como um importante critério de seleção de textos. É o caso do Corpus Iboruna, desenvolvido dentro do Projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP) e largamente utilizado em pesquisas sociolinguísticas no Estado de São Paulo, o qual tem entre seus critérios de seleção o gênero, a saber: carta pessoal, conto, cordel e relato de experiência (GONÇALVES, 2019).

O uso do gênero como critério de elaboração de corpus linguístico é algo relativamente novo. O Iboruna, por exemplo, tem dez anos de existência. Nos corpora mais antigos, o gênero não entrava como critério de análise. No máximo, utilizava-se o gênero entrevista sociolinguística como critério de coleta de material (VARSUL digital). Os corpora Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT) e Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR), ambos desenvolvidos pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), utilizam os seguintes tipos de entrevistas: elocução formal (EF), diálogo entre informante e documentador (DID) e diálogo entre dois informantes (D2) (ALVES, 2011).

Apesar desses (e outros) corpora sociolinguísticos utilizarem o gênero como critério de coleta, nem sempre se analisava a variação em termos do estatuto do gênero, isto é, a análise sociolinguística limitava o gênero à composição do corpus e não avaliava a presença de uma dada variação como um elemento característico do gênero constituinte do corpus. Assim, o uso do gênero na pesquisa sociolinguística era mais instrumental do que teleológico, o gênero como meio, não como fim.

Quanto à entrevista sociolinguística, parece que ela tem ocupado a discussão sobre gênero na Sociolinguística Variacionista, cuja discussão concentra-se em seu estatuto teórico e sua definição ora como um gênero com um propósito comunicativo próprio (FREITAG, 2014; MORAIS, PAVIANI, 2009) ora como um macrogênero que abriga outros gêneros (TAVARES, 2015). Essa discussão, no entanto, está ainda muito incipiente, inclusive, porque se confundem os termos texto e gênero e macrogênero e colônia de gênero.

A definição de variação linguística como a “possibilidade de representação de determinados elementos linguísticos por diferentes modos de expressão” (CALVET, 2002, p. 156) implica que seu estudo seja feito dentro de um contexto delimitado,

especificamente uma comunidade linguística. O estudo sociolinguístico, então, assume que uma descrição linguística é satisfatória quando ela é feita circunscrita a um ambiente socialmente delimitado por fatores, como: idade, sexo, origem geográfica, tempo de residência, escolaridade etc.

Com isso, a Sociolinguística busca um enquadramento social da variação que melhor represente sua ocorrência e que não seja uma estrita descrição de características gramaticais. Nesse enquadramento social da variação, a Sociolinguística procura congrega de modo quase indivisível as propriedades linguísticas e sociais da variação, e tem procurado integrar o conceito de gênero não como mais um critério metodológico, mas como o contexto possível e necessário de se analisar a variação, que passa a caracterizar o estilo do gênero, ou seja, não se analisa a variação pela variação, mas pelo papel que ela desempenha na constituição discursivo-textual do gênero.

Outro motivo para integração da noção de gênero aos estudos da variação é metodológico. Por mais ampla que seja uma pesquisa, ela sempre será um recorte de uma realidade. No caso das pesquisas sociolinguísticas, é comum que elas manipulem um grande número de dados e usem programas estatísticos, tudo isso para se alcançar resultados categóricos e mais próximos à realidade. No entanto, continuam sendo feitas com base em recortes da realidade, um tipo de abstração do contexto de uso da língua. Por esse motivo, a inclusão do gênero na pesquisa sociolinguística possibilita um recorte metodológico mais contextualizado e mais próximo ao uso da língua, e possibilita definir com mais propriedade a noção de contexto sociolinguístico, conceito que por si já é muito amplo (ARMENGAUD, 2006).

3.1 UMA DÉCADA DE GÊNERO NAS PESQUISAS SOCIOLINGÜÍSTICAS

Com o objetivo de avaliar a presença do gênero nas pesquisas sociolinguística, foram consultados os bancos de tese e dissertação dos programas de pós-graduação da UNESP/Araraquara (Linguística e Língua Portuguesa), UFSC e UFC (ambos de Linguística). Para cumprir com esse objetivo, foram usados o próprio buscador das páginas virtuais dos programas e os filtros de busca, com as palavras “sociolinguística” e “2009 to 2019”. Foram testadas outras palavras (variação e mudança, por ex.), que apresentavam o número menor de trabalhos. A pesquisa com a palavra “sociolinguística” possibilitou abranger um grande número de trabalhos, em relação às buscas com as outras duas palavras.

A pesquisa se orientou pelo título e pelo resumo. Quando os dois não estavam claros, eram consultados o sumário e o capítulo da metodologia, ou se usava a ferramenta de busca lexical do próprio PDF (Ctrl+F) para identificar a ocorrência e o número dela no texto.

Ao total, foram defendidos 15 trabalhos (tese e dissertação) na UNESP/Araraquara, 24 na UFSC e 36 na UFC. Nesse número, não fazem parte pesquisas cujo objetivo é discutir o estatuto teórico de alguma categoria da sociolinguística, quase sempre pesquisa de cunho bibliográfico. Também não participam desses números, pesquisas sociolinguísticas de viés gerativo, porque elas não apresentam um grande número de dados, nem trabalham com a noção de representatividade da variação.

O levantamento identifica que o gênero tem sido usado na pesquisa sociolinguística no quadro dos fatores de análise: ou como uma variável independente ou, principalmente, como critério de seleção do corpus, sendo esquecido depois na análise. Essa prática aponta que a pesquisa sociolinguística tem compreendido o gênero como uma categoria que está no mesmo plano, ou que tem a mesma dimensão, de uma categoria gramatical como, por exemplo, a concordância de número, posição do pronome em relação ao verbo, apagamento/ausência de alguma marca morfológica, alternância pronominal. O gênero, entretanto, é uma categoria muito mais ampla do que qualquer outra categoria gramatical.

Orientando-se pelos modelos da Gramática Funcional (DIK, 1997) e Discursivo-Funcional (HENGEVELD, MACKENZIE, 2008), o arcabouço teórico preferido das pesquisas sociolinguísticas, o componente gramatical mais elementar é o pragmático, que está no nível da formulação e no qual a intenção do falante reina orientando as próximas camadas da formulação e codificação morfossintática e fonológica da expressão linguística. Dentro do modelo da Gramática Discursivo-Funcional, o componente contextual pode ser interpretado como a noção de gênero, “uma vez que certas maneiras de falar ou escrever podem ser aceitáveis ou não, dependendo do contexto envolvido”, diz Connolly (2007, p. 18). Assim como o gênero textual se estrutura de forma hierárquica, valorando e gerenciando elementos para sua constituição, assim também se comporta o componente textual na constituição do gênero (SWALES, 1990, 2004; CONNOLLY, 2007).

O levantamento nos bancos de teses e dissertações verifica que as pesquisas sociolinguísticas têm se preocupado em usar um variadíssimo número de gêneros. Essa prática metodológica indica que existe uma preocupação da área em coletar diferentes gêneros, para assim analisar a variação linguística em diferentes contextos de uso da língua. Os gêneros identificados são:

Quadro 1 – Listagem dos gêneros pesquisados

UNESP/Araraquara	UFSC	UFC
1. Argumentação (relato de opinião)	1. Cardápios	1. Aula
2. Artigo	2. Carta pessoal	2. Elocuções Formais
3. Aviso	3. Comerciais	3. Conto
4. Carta de leitoras, carta do leitor, carta pessoal	4. Entrevista	4. Crônica
5. Coluna	5. Notícia	5. Diálogo entre dois informantes (DDI)
6. Crônica	6. Peça de teatro	6. Diálogo entre informante e documentador (DID)
7. Descrição	7. Placas	7. Editorial
8. Edital	8. Questionário	8. Entrevista jornalística
9. Editorial	9. Redação escolar	9. Entrevista semiestruturada
10. Entrevista	10. Teste	10. Entrevista sociolinguística
11. Entrevista estruturada	11. Vídeo registro (libras)	11. Memórias literárias
12. Entrevista oral		12. Narrativa de experiência de vida (entrevista sociolinguística)
13. Entrevista radiofônica		13. Notícia
14. Livro didático		14. Questionário
15. Narrativa		15. Redação escolar
16. Narrativa de experiência		
17. Narrativa de reconto		
18. Notícia		
19. Opinião		
20. Programa de auditório		
21. Questionário		
22. Resenha		
23. Telenovela		
24. Teste		

A listagem acima opta por manter a mesma nomenclatura feita nos trabalhos pesquisados, com o objetivo de ser fiel aos dados encontrados. É visível que se confundem gênero e procedimentos comunicativos, tal como “narrativa de experiência de vida”, que é um protocolo estipulado pelo pesquisador para elaborar sua entrevista sociolinguística. Confundem-se também gênero e tipologia/sequência textual (argumentação, descrição e narrativa). Cabe sinalizar que esses trabalhos pesquisados abrangem diferentes sincronias, inclusive alguns realizam análise diacrônica.

4. O GÊNERO TRANSCRIÇÃO TELEVISIVA

Para definir a transcrição televisiva (TT) como gênero, esta pesquisa adota a visão de Swales (1990, 2004), segundo o qual um gênero é uma classe de eventos comunicativos, isto é, um conjunto de eventos comunicativos que compartilham dos mesmos propósitos comunicativos. A TT tem por função representar a fala de uma pessoa, que é apresentada numa notícia televisiva como entrevistada, depoente, testemunha etc., conforme a circunstância social retratada.

O gênero, na proposta de Swales (1990, 2004), é um agrupamento harmônico de eventos sócio-comunicativos e pode apresentar mais de um objetivo. No caso da TT, ela varia seu objetivo entre retratar a fala do entrevistado e construir uma imagem do entrevistado a partir do modo como se transcreve e das marcas gráficas utilizadas para destacar algum elemento fonético e lexical.

A TT aparece em vários gêneros da esfera jornalística, especificamente a notícia televisiva, aquela que aparece em jornal televisivo e pode apresentar inúmeros temas: saúde, segurança, economia, cultura, diversão, educação dentre outros. Além dessa variação temática, própria das notícias, a TT pode apresentar diferentes extensões e padrões gráficos, que refletem o tipo de jornal (formal ~ informal), o horário da transmissão (jornal noturno tende a ser mais formal) e a visão editorial do canal televisivo.

A TT não segue uma orientação formal ou especializada, conforme consulta aos manuais referências da área do jornalismo: o Manual de Redação da Folha de São Paulo e o do Estadão. O que existe são orientações sobre o gênero declaração textual, que são as citações diretas de “opiniões ou frases originais, expressivas, marcantes, de efeito ou espirituosas”, como se define na versão virtual Manual de Redação do Estadão.

Os manuais de redação do Estadão e da Folha fazem menção somente à transcrição em notícia impressa, que podem muito bem ser transpostas para a notícia televisiva, afinal a reprodução a fala de alguém “confere credibilidade à informação, dá vivacidade à reportagem e ajuda o leitor a conhecer melhor o personagem da notícia.” (FOLHA, online).

Os referidos manuais orientam que a transcrição impressa venha entre aspas e que se use travessão quando as transcrições reproduzam diálogos. No caso das TT, elas mesclam esses dois tipos de recursos gráficos e acrescentam o uso do itálico. Quanto às correções gramaticais, o Manual da Folha orienta que se use com cautela a expressão latina sic, que deve vir entre parênteses para indicar erros linguísticos. Já o Manual do Estadão orienta que se adapte o texto às normas gramaticais, porém

que se tenha o cuidado em não artificializar a transcrição, não descaracterizando assim o perfil social do entrevistado. Essas adequações só não são feitas quando exista algum motivo para a literalidade do material transcrito.

No geral, a transcrição, seja impressa ou televisiva, objetiva ilustrar aquilo que se noticia. Para tal, o jornalista deve sempre procurar a reprodução literal da fala. No caso da transcrição televisiva, ela está na notícia não apenas para exemplificar aquilo de que se fala, mas ela está ali para compor a própria telenotícia. A TT entra na notícia não apenas como uma citação lida pelo jornalista, mas ela entra como uma citação que é literal, porém é a própria fala da pessoa retratada que é reproduzida. Ou seja, a transcrição televisiva é mais literal do que a impressa, porque ela não somente reproduz graficamente uma fala gravada, mas também reproduz a própria fala gravada, possibilitando que se cotejem os dois materiais.

Aqui, é preciso diferenciar bem esses dois tipos de transcrição para que não sejam confundidos. Na esfera jornalística, a transcrição impressa se diferencia da televisiva, como dito acima, porque em uma ela ilustra, em outra ela é a própria composição da notícia televisiva, ela tem um objetivo próprio que contribui com o objetivo maior da telenotícia.

O gênero transcrição televisiva é geralmente um diálogo, uma conversa transcrita para a elaboração da estrutura do gênero notícia, ou seja, a notícia coloniza a transcrição. A colonização de gênero é uma proposta de Bhatia (2004), segundo o qual os gêneros agrupam-se para cumprir um determinado objetivo, formando assim uma coletividade de gêneros pertencentes a uma atividade social, profissional, religiosa, por exemplo.

Nessa proposta, o conceito de colônia de gênero pode também se referir ao processo de colonização de um gênero sobre o outro, um gênero capturar o outro para dentro de sua composição textual:

A colonização como um processo envolve, assim, a invasão da integridade de um gênero por outro gênero ou convenção de gênero, muitas vezes levando à criação de uma forma híbrida, que eventualmente compartilha algumas de suas características de gênero com a que o influenciou em primeiro lugar. (BHATIA, 2004, p. 66)

Assim, o gênero telenotícia assimila características do gênero transcrição televisiva, esse processo só é possível porque a notícia é uma espécie de macrogênero cujas propriedades são compartilhadas também por outros gêneros da esfera jornalística. A transcrição, por sua vez, por representar o registro de um diálogo, é mais um gênero mais dinâmico, afinal uma conversa pode ocorrer em diversos contextos

sociais de uso da língua. Nesse processo de hibridização genérica, a telenotícia precisa dar credibilidade à sua narrativa. Para tal, ela captura um gênero que melhor pode representar uma situação comunicativa, o diálogo. Contudo, não se trata usar a transcrição com uma exemplificação, mas é um elemento crucial para que a telenotícia cumpra seu objetivo. Sem a transcrição, sem o registro de falas, a telenotícia é apenas uma narrativa (por que não dizer que é apenas uma notícia impressa lida!).

A transcrição televisiva é uma parte saliente da estrutura genérica da telenotícia, tanto é que sua composição visual modifica-se com a introdução de elementos semióticos, como: mudança de fundo, utilização de molduras coloridas para a transcrição, mudança do tom de voz do jornalista e, principalmente, introdução da fala do próprio entrevistado em sua plenitude sonora. Comparando-se essas características ao texto impresso, nele a única marca – talvez – são as aspas ou itálico ou outro recurso gráfico.

As transcrições televisivas são representações de diálogos dentro de uma telenotícia, é um exemplo de discurso interativo secundário (BRONCKART, 2012, p. 187-195). Como representação de um discurso reportado, elas podem ser uma conversa unilateral, isto é, apesar de estar respondendo a uma deixa conversacional, o falante dialoga sem haver um turno conversacional, envia uma mensagem como se não esperasse uma resposta, pelo menos de forma imediata; também pode ser uma conversa multilateral, isto é, o falante dialoga dentro de uma sequência de turnos conversacionais.

Ambos os tipos de representações gráficas indicam um recorte de um diálogo, apresentam um retrato que é emoldurado como transcrição televisiva dentro de uma notícia, representam um diálogo que foi transporto (pelo processo da colonização do gênero) para dentro de um outro gênero, afinal a conversa original não foi criada para ser transcrita e apresentada dentro de uma notícia televisiva. A transposição do gênero ocorre para responder a uma demanda social do gênero jornalístico.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

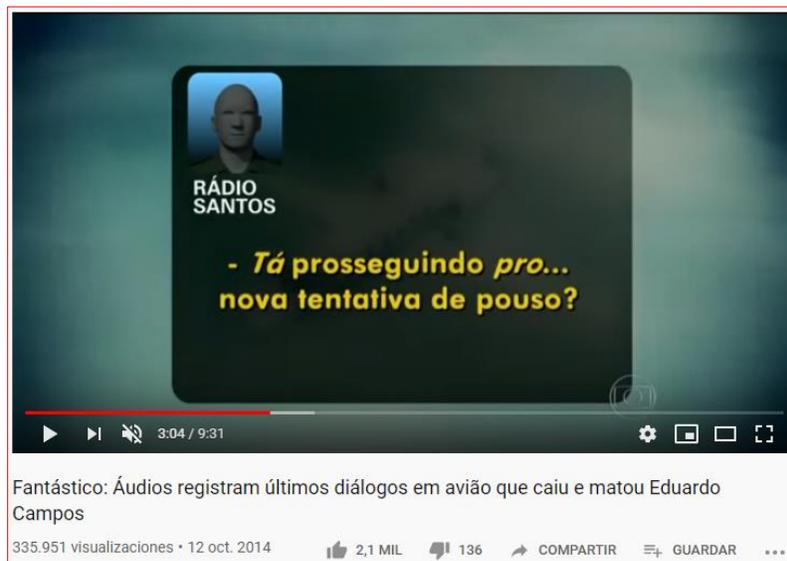
Esta pesquisa adota o conceito de representação gráfica para analisar o registro da variação linguística no gênero transcrição televisiva. Para cumprir esse objetivo, este estudo coletou no Youtube dez vídeos de telenotícias que tivessem em sua composição transcrições de falas. Para tal, realizou algumas buscas controladas por estas palavras-chave: notícia, áudio, fala, entrevistado, telefone, conversa etc. Elas foram combinadas de diversas formas. A própria plataforma de compartilhamento virtual

de vídeos oferece opções na coluna à direita, nas quais aparecem vídeos com temática aproximada.

As transcrições das telenotícias foram transcritas para facilitar a apresentação e a análise. Em seguida, foram anotadas com informações indicando (1) aquilo que era falado pelo entrevistado em sua variante, (2) aquilo que era representado graficamente na transcrição original, e (3) aquilo que era falado na variação do entrevistado, porém não era representando no original. Algumas transcrições foram ouvidas diversas vezes, porque alguns áudios não estão tão inteligíveis, afinal a maioria deles são telefonemas, mantendo assim qualidade sonora do material original.

A variação linguística, geralmente, vem sinalizada com aspas ou itálico na transcrição televisiva, e isso é mantido nas transcrições feitas para a análise. É também mantida a divisão dos quadros, isto é, geralmente as TT vêm reproduzidas na telenotícia em quadros para separar o turno de fala ou para simplesmente indicar que se trata de uma outra pessoa falando que não é o repórter:

Figura 1 – Exemplo de transcrição



6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A **primeira** telenotícia *Três conchadas de frango*² (8min. e 21seg.) foi vinculada no *Jornal do Almoço*, na RBS TV, afiliada à TV Globo e sediada em Porto Alegre. Nela é narrada a história de um aluno que enviou um áudio de *WhatsApp* para o colega de sala, contando-lhe da quantidade de comida que ele havia consumido na merenda

² Disponível em: <https://www.Youtube.com/watch?v=QEHEWECgp1g&t=356s> – último acesso em 15 de novembro de 2019.

escolar, justamente no dia em que o amigo havia faltado. O vídeo está disponível no Youtube e na própria página do G1 e data de abril de 2019. A transcrição retrata os áudios enviados pelo garoto ao amigo, é um discurso interativo primário e tem cerca de 52 segundos.

Exemplifica-se adiante com uma foto da tela do vídeo, no momento em que é apresentada a transcrição juntamente com o áudio. Na tela da transcrição, coloca-se uma imagem simulando a tela de um celular com o aplicativo *WhatsApp*. São elementos gráficos cujo objetivo é facilitar a compreensão do espectador, afinal tanto o modo de se capturar imagem pelo olho (movimento *saccade*), quanto o modo de se montar um vídeo é através da sequência fotográfica:

Figura 2 – Telenotícia *Três conchadas de frango*



O aluno, que tem cerca de 12 anos, apresenta um sotaque tipicamente gaúcho, não só pelo ritmo de fala, mas também pelo léxico e o uso do pronome *tu*. Somam-se a essas características expressões linguísticas comuns ao linguajar de um jovem que vive no meio urbano, tais como os pronomes de tratamento: *meu*, *parça*, *mano* e *filho* (pronunciado como [‘fiu]).

Na transcrição, porém, são registrados como variação lexical apenas o verbo *ratear*, cujo sentido aproxima-se ao de *marcar bobeira*, e o pronome de tratamento *parça*, que é uma forma sincopada e acomodada de *parceiro*, ou seja, é uma variação fonético-lexical. No plano morfossintático, é registrada como variação somente a não marcação de plural em *três concha* e *três conchada*.

Na fala do garoto, outras variações ocorrem, mas não são registradas, a saber: a concordância do pronome *tu* com o verbo conjugado na 3ª pessoa do singular (*tu ratiou/faltou*) e as formas sincopadas de *filho* [‘fiu], *para* [‘pra] e *não é* [‘nE].

Apesar das aspas serem usadas para sinalizar graficamente a ocorrência de uma variação linguística, estranhamento as palavras *pedaço* vêm aspeada, enquanto outras não, como, por exemplo: *bagulho* e *mais* (com sentido adversativo).

A telenotícia tem tom jocoso e informal, com o propósito de retratar o ambiente escolar de adolescentes, inclusive apresenta um formato descontraído: a linguagem, a roupa e o modo de abordagem do repórter, por exemplo. O foco é retratar o falar gaúcho que viralizou nas palavras do menino, conforme se observa na transcrição abaixo:

Quadro 2 – Transcrição da telenotícia *Três conchadas de frango*

Oh, meu... tu “ratiou” em ter faltado a aula, “parça”. Tu “ratiou” muito, muito, muito, muito, meu... Oh, logo hoje que tu faltou, filho, foi chuchu ao molho branco, iscas de frango, arroz e feijão, salada de tomate e banana de sobremesa
Mano, tu “ratiou”, cara. Eu e o Cauã, a gente comeu três “concha”, três “concha” de galinha, filho. Primeiro, a tia serviu lá pra gente só duas “concha”, mais depois “pedaço” de galinha assim né, pra cada um.
Aí quando a tia saiu do bagulho da concha lá, aí quando ela ia se sentar, a gente correu, foi, pegou a concha e tacou-lhe três “conchada” de galinha, filho. Oh, três conchada de galinha, meu. Repito: três “conchada” de galinha.

A **segunda** telenotícia *Bombeiro salva bebê de engasgo em atendimento por telefone*³ (1min. 58seg.) foi vinculada na TV Jornal, afiliada ao SBT e sediada em Recife. Nela é relatado o atendimento feito por bombeiros a uma pessoa que estava com uma criança engasgada. O vídeo da TN está disponível na plataforma do Youtube, desde 21 de agosto de 2012. A transcrição retrata a fala do bombeiro (B) e de uma mulher (S), que aparentam ter o sotaque pernambucano, e tem cerca de 52 segundos.

Na transcrição, são destacados em itálico apenas a forma aferésica do verbo *estar* (*tá*) e a forma apocopada da locução prepositiva *para o* (*pro*). No entanto, são identificadas outras variações fonéticas não registradas na transcrição, tais como: o apagamento do *r* desinência verbal (*colocar > colocá*), a ditongação do verbo *trazer* (*traz > traiz*), a redução da desinência de gerúndio *-ndo* (*chorano* e *respirano*) e o uso do pronome reto como complemento (*vai colocar ele*).

³ Disponível em: <https://youtu.be/-FAey8CSyJ4> – último acesso em 15 de novembro de 2019.

No âmbito lexical, não se registram duas variações. A primeira é o uso do verbo *emborcar* (*coloque a criança emborcada*), cujo sentido é *colocar ou virar de borco ou colocar de boca para baixo*. A segunda é o uso do *pronto* (*pronto, é porque o engasgo não foi completo*), que é registrado nos dicionários gerais de língua portuguesa como adjetivo e advérbio. No diálogo registrado, o *pronto* funciona como uma conjunção, como um marcador discursivo, indicando a continuidade de uma ideia anterior, conforme se lê no exemplo abaixo:

Quadro 3 – Transcrição da telenotícia *Bombeiro salva bebê de engasgo em atendimento por telefone*

B – Que é que tá acontecendo, senhora? É a emergência do Corpo de Bombeiros.
S – Meu sobrinho tá engasgado com um pirulito, ele tem dez meses.
B – A senhora vai colocar ele no seu braço...
S – Vem, menina, traz ele...
B – [...] esquerdo, traga a criança, coloque a criança emborcada, o rosto dele voltado pro chão. Inclinado... pronto. Agora a senhora vai dar umas três tapinhas... na altura das costas dele, bem no meinho, próximo do ombro. Olhe, veja só, mas se ele está chorando, senhora, é porque...
S – [...] Ele tá chorando...
B – [...] pronto, é porque o engasgo não foi completo, ele tá respirando. O problema seria se ele não estivesse chorando, certo?
S – E aí o que é que eu faço? Ele disse que ele tá chorando, é porque ele tá respirando. O engasgo não foi completo.
B – A senhora vai permanecer fazendo isso... Como é que tá a respiração da criança?
S – Desengasgou. Ele tá bem agora

A **terceira** telenotícia *Bebê engasgado é salvo por bombeiros via telefone em Uberaba*⁴ (2min. 20seg.) foi vinculada pela TV Paranaíba, sediada em Uberlândia e afiliada à TV Record. Nela também é relatado o atendimento feito por uma bombeira militar a uma mulher que estava com uma criança engasgada, na cidade de Uberaba. O vídeo da TN está disponível na plataforma do *Youtube*, desde 18 de março de 2017. A transcrição dos áudios retrata a fala da bombeira (B) e de uma mulher (S) e tem cerca de 26 segundos.

4 Disponível em: <https://www.Youtube.com/watch?v=3PlwyG1Jy6s> – último acesso em 15 de novembro de 2019.

Na transcrição, os únicos elementos marcados como variação linguística são as formas aferésicas do verbo *estar* (*tá*). Não são registradas, contudo, as formas reduzidas da desinência de gerúndio *-ndo* (*voltano* e *ficano*) e as apócopas das desinências de grau *-inho* (*pouquin*). Registra-se erroneamente uma crase (*graças à Deus*).

Quadro 4 – Transcrição da telenotícia *Bebê engasgado é salvo por bombeiros via telefone em Uberaba*

S – Moça, minha sobrinha está engasgada. Ela não quer voltar.
B – Como que ela “tá” agora?
S – Ela não “tá” voltando. Ela “tá” ficando roxa.
B – Pode bater um pouquinho, com um pouquinho de força, não precisa ser muito não. Mas bate para tentar desobstruir. Voltou? Ah, graças à Deus!
[choro da bebê]

A **quarta** telenotícia *Bombeiros salvam vida de bebê pelo telefone em MG*⁵ (3min. 08seg.) foi vinculada pela TV Integração, sediada em Uberaba e afiliada à TV Globo. Nela também é relatado o atendimento feito por um bombeiro militar a uma pessoa que estava com uma criança engasgada, na cidade de Uberaba. O vídeo da TN está disponível na plataforma do *Youtube*, sem data, porém o vídeo parece recente. A transcrição dos áudios retrata a fala do bombeiro (B) e de uma mulher (S) e tem cerca de 26 segundos.

Novamente, repete-se a transcrição da forma aferésica do verbo *estar* (*tá*), que é transcrito entre aspas e que varia também com a forma plena (*está*), ignorando-se outros usos linguísticos, como: a forma reduzida da desinência de gerúndio *-ndo* (*chorano* e *empurrano*); o apagamento da palatal nasal, que é substituída por uma vogal nasal e alongada (*minha/mĩã*, *sobrinha/sobrĩã*, *bebezinha/bebezĩã*, *molinha/molĩã*, *pouquinho/pouquĩõ*, *costinha/costĩã*); e a síncope na preposição ‘para’ (*pra*):

Quadro 5 – Transcrição da telenotícia *Bombeiros salvam vida de bebê pelo telefone em MG*

S – Pelo amor de Deus, a minha sobrinha, uma bebezinha, está sufocada
B – Ela está consciente? Ela está chorando?
S – Ela “tá” chorando? Tá parada. Coloca ela com o peitinho na mão?

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EhWoOvtohXg> – último acesso em 15 de novembro de 2019.

B – Isso, com o peitinho na mão?
S – Com o peitinho na mão.
B – Vira ela de cabeça para baixo, inclina ela um pouquinho e bate nas costinhas dela como se estivesse empurrando. Ela está chorando agora?
S – Não... não, “tá” molinha.
B – Continua... chorou?
S – Chorou.
B – Oh... coisa boa

A **quinta** telenotícia *Trotes prejudicam atendimento do Samu*⁶ (3min. 05seg.) foi vinculada no Jornal Estado da Rede Brasil – Pernambuco, da TV Rede Brasil de Comunicação (RBC). Nela é relatada a quantidade de trotes, recebidos pelo serviço telefônico do SAMU, os quais impedem o bom funcionamento do atendimento de emergência. O vídeo da TN está disponível na plataforma do Youtube, desde 24 de outubro de 2017, no canal da própria Rede Brasil Oficial. A transcrição do áudio retrata dois diálogos (trotes) curtos entre um atendente e duas crianças, e tem cerca de sete segundos.

Como é um áudio pequeno, dadas as características da ligação do tipo trote, a transcrição também é pouco extensa, mesmo assim permite observar que os interlocutores apresentam um sotaque tipicamente pernambucano. Nela são registradas apenas duas palavras como variante linguística *né*, forma contraída de *não é*, e o marcador discursivo *viu* (verbo ver ou ouvir, conjugado na 3ª pessoa do singular):

Quadro 6 – Transcrição da telenotícia *Trotes prejudicam atendimento do Samu*

Atendente ¹ : SAMU, bom dia!	Atendente ² : SAMU, boa noite!
Criança ¹ : Eu quero comprar uma pizza.	Criança ² : Você é feia.
Atendente ¹ : “Né” lugar de pizza não, “viu”?	

Apesar de curtas, as transcrições indicam a preocupação do transcritor, que parece residir muito mais no registro de um uso informal da língua e a ênfase que o atendente usa para marcar sua repreensão à criança.

⁶ Disponível em: <https://youtu.be/FqDtmVGy1o8> - último acesso em 15 de novembro de 2019.

A **sexta** telenotícia *Áudio mostra que gerente da Vale teria alertado problema de erosão antes de tragédia em Brumadinho*⁷ (1min. 47seg.) foi vinculada no Jornal da Record, da TV Record. Nela é apresentado um áudio atribuído a uma engenheira responsável pela Barragem de Brumadinho, a gravação faz parte do processo instaurado em uma comissão parlamentar (CPI) de inquérito da Câmara Federal. O vídeo está disponível no próprio canal do Jornal no Youtube, desde 04 de novembro de 2019.

A transcrição é curta, afinal o áudio também é curto. A transcrição é apresentada já perto do final da telenotícia e não apresenta marcas gráficas que indiquem variação linguística, apesar da engenheira falar a forma aferésica do verbo ‘estar’ (tá) e a forma sincopada da preposição ‘para’ (pra), e articular o adjetivo ‘maior’ como [maoh], apagando vogal alta, anterior e fechada [i], e aspirando o [r] final. Ou seja, mesmo a engenheira tendo articulado algumas palavras em sua variante linguística e utilizado expressões próprias de sua origem (possivelmente, mineira), o transcritor não registra essas variações na transcrição televisiva, conforme se lê no quadro abaixo:

Quadro 7 – Transcrição da telenotícia *Áudio mostra que gerente da Vale teria alertado problema de erosão antes de tragédia em Brumadinho*

O modo de falha que aconteceu lá na barragem não foi liquefação, a gente não teve processo de liquefação lá. Lá foi um processo de erosão, erosão interna
A probabilidade de falha para erosão interna tá no intolerável e é a maior probabilidade de falha da barragem.

O motivo para que nenhum tipo de variação linguística tenha sido marcada nessa transcrição é o processo de colonização do gênero: o propósito do gênero telenotícia é muito mais apresentar um conjunto de comunicações feitas pelos técnicos envolvidos na Barragem de Brumadinho, do que dar detalhes de como se falou e construir uma imagem sociolinguística dos entrevistados. O propósito da telenotícia, portanto, colonizou o propósito da transcrição televisiva.

A **sétima**⁸ transcrição apresenta a fala de um entrevistado anônimo que participa da telenotícia *MC Pose ostenta fuzil e granada em baile funk* (3min. 22seg.). MC Pose é artista do funk conhecido por sua performance com armas no palco e pela relação entre os bailes funks e os traficantes de drogas na periferia da cidade do Rio de Janeiro. A telenotícia foi vinculada no programa Balanço Geral, da TV Record e

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3LQr22BRFNA> - último acesso em 15 de novembro de 2019.

⁸ Disponível em: https://www.Youtube.com/watch?v=-HbBW9_jUZk - último acesso em 15 de novembro de 2019.

disponibilizada no *Youtube*, no próprio canal do programa no dia 1º de fevereiro de 2019.

O áudio transcrito apresenta uma voz modificada para que não se identifique o entrevistado, logo fica prejudicado o acesso a algumas informações dialetais. Porém, é possível identificar que se trata de alguém com sotaque carioca. Na transcrição, são indicados como variação linguística, por meio das aspas, somente os verbos: *tendeu* (entender com função de marcador discursivo) e *cabô* (acabou). No entanto, é perceptível que o entrevistado fala apagando parte da desinência de gerúndio (*cantano* e *ficano*) e do verbo auxiliar (está > tá):

Quadro 8 – Transcrição da telenotícia *MC Pose ostenta fuzil e granada em baile funk*

“Ele está cantando com uma pistola na mão, com uma granada na cintura, ‘tendeu’? . Ele é um cara que, realmente, afronta o Estado assim, sem nada e ‘cabô’ e ele está ficando famoso entre as comunidades que tem baile do tráfico”

A **oitava**⁹ e a **nova**¹⁰ transcrições são de falas de Fabricio Queiroz, o ex-assessor do senador Flávio Bolsonaro, vinculadas no *Jornal da Gazeta*, da *TV Gazeta*. Os áudios são gravações obtidas anonimamente e divulgados pela mídia. Os áudios são do mês de outubro de 2019 e, apesar de ser uma conversa bastante informal, o transcritor não sinaliza graficamente nenhuma das variações linguísticas do ex-assessor parlamentar.

São registradas, sem sinalização gráfica, palavras encurtadas (*pra/para* e *pô/porra*) e a falta de concordância de número (*vinte continho*). Contudo, o que se destaca é o registro das expressões de baixo calão (*caralho* e *puta que pariu*), que no áudio são sobrepostas por um bipe, afinal são notícias vinculadas em horário comercial:

Quadro 9 – Transcrição de fala de Fabricio Queiroz

Na época, o Jair falou para mim que ele ia exonerar a Cileide porque a reportagem estava indo direto lá na rua e para não vincular ela ao gabinete. Aí ele falou: ‘Vou ter que exonerar ela assim mesmo’.

Ele exonerou e depois não arrumou nada para ela não? Ela continua na casa em Bento Ribeiro?

⁹ Disponível em: <https://www.Youtube.com/watch?v=aF1FrAmauMI> - último acesso em 15 de novembro de 2019.

¹⁰ Disponível em: <https://www.Youtube.com/watch?v=IVQqnYsbCjM> - último acesso em 15 de novembro de 2019.

Esses depoimentos, cara, eles vão lá e pegam mesmo, esses filhos da p###, rapaz. Até demorou a pegar.

Neste segundo diálogo, não são transcritas duas palavras e uma expressão pela equipe jornalística, que são transcritas assinalando-as com grifos:

Quadro 10 – Transcrição de fala de Fabricio Queiroz

Tem mais de 500 cargos lá, cara, na Câmara, no Senado. Pode indicar para qualquer comissão, alguma coisa, sem vincular a eles em nada.
Vinte continho pra gente aí caía bem pra c*, <u>meu irmão</u> , entendeu? Não precisa vincular a um nome. Só chega lá e pô, cara, no gabinete do Flávio faz fila de deputados e senadores <u>lá</u> , o pessoal lá para conversar com ele, faz fila
Pô, é só chegar, meu irmão, nomeia fulano aí pra trabalhar contigo, aí. Salariozinho bom desse aí, cara, pra gente que é pai de família, [<u>bipe sobre o som não transcrito p. que pariu</u>], cai igual uma uva”

Na mesma linha das transcrições dos áudios do ex-assessor Fabricio Queiroz, isto é, personalidades com envolvimento político, estão os áudios do ex-presidente Lula, vazados durante o ano de 2016. A **décima**¹¹ telenotícia (13min. 48seg.) foi vinculada pelo Jornal Nacional, da TV Globo, em março de 2016. Nela são relatadas questões da operação lava-jato e são apresentados diversos áudios de telefonemas entre o ex-presidente Lula e diversas pessoas da esfera política.

Um fato curioso é que o ex-presidente é conhecido por não articular os plurais conforme a norma gramatical. Porém as transcrições dos áudios (inclusive, nas piadas e caricaturas feitas por humoristas e memes no ambiente virtual), não registram esse uso. Num determinado trecho, por exemplo, Lula fala *parlamentares ameaçado* e o transcritor registra a forma gramaticalmente correta.

A transcrição registra usos comuns a uma fala mais relaxada (tá, pra, né etc), porém sem marcar com aspas e itálico. Usam-se somente as aspas para indicar alguma palavra e expressão de baixo calão, e para indicar alguma ênfase, como é o caso de: *tô assustado é com a “República de Curitiba”*. A seguir são trasladados apenas os primeiros áudios da telenotícia. Opta-se por não trasladar os demais, afinal repetem os mesmos padrões de transcrição:

¹¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fFWyL11aCE4> - último acesso em 15 de novembro de 2019.

Quadro 11 – Transcrição de fala de Lula

Lula (LL) e Paulo de Tarso Vannuchi (PTV)

LL – O problema é o seguinte, Paulinho, nós temos que comprar essa briga, eu sei que é difícil, sabe?!

PTV – É.

LL – Eu, às vezes, fico pensando até que o Aragão deveria cumprir um papel de homem, naquela p*, porque o Aragão parece nosso amigo, parece, parece, mas tá sempre dizendo: “Olha...”

PTV – É.

Lula (LL) e Rui Falcão (RF)

LL – Eu tô esperando segunda-feira a operação de busca e apreensão na minha casa, do meu filho Marcos, do meu filho Fábio, do meu filho Sandro,

RF – É, eu vi esse noticiário aqui.

LL – do meu filho Luís Custódio, na casa do Paulo Okamoto. Eu vou pensar amanhã se eu convoco alguns deputados.

RF – Sei.

LL – Pra surpreendê-los.

Lula (LL) e Lindbergh Farias (LF)

LL – Agora o companheiro Wadih Damous tem a história do promotor de Rondônia, que pegou um caso meu agora, que a mulherada tem que ir para cima dele. Terça-feira tem que “trucar” o Janot e “triturar”.

LF – Ele está falando do promotor de Rondônia e Roraima, que as mulheres têm que ir para cima dele, aquele maluco... A Jandira tá dizendo que vai pegar esses dados também, presidente. Nós adoramos, presidente! Nós vamos para guerra! [repetição dessa última frase, mas sem transcrição]

LL – Tá bom, querido. Um abraço.

Lula (LL) e Dilma Rousseff (DR)

LL- Nós temos uma Suprema Corte totalmente acovardada, nos temos um Superior Tribunal de Justiça totalmente acovardado, um Parlamento totalmente acovardado, somente nos últimos tempos é que o PT e o PC do B é que começaram a acordar e começaram a brigar. Nós temos um presidente da Câmara F*, um presidente do Senado F* ... não sei quantos parlamentares ameaçados, e fica todo mundo no compasso do que vai acontecer um milagre e que vai todo mundo se salvar. Eu sinceramente, tô assustado é com a “República de Curitiba”, porque a partir de um juiz da 1ª instância, tudo pode acontecer nesse país.

DR – Então, era tudo igual ao que sempre foi, é?

LL – Era, a mesma coisa... hoje eles fizeram uma coisa coletiva. Foram na casa do Paulo Okamoto em Atibaia, eu nem conversei com Paulo ainda, foram na casa da Clara. Eu tô pensando em pegar todo o acervo, eu vou tomar a decisão,

e levar, jogar na frente do Ministério Público. Eles que enfiem no c* e tomem conta disso.

DR – O acervo, de quê?

LL – Dilma, é um monte de container de tranqueira que eu ganhei quando tava na Presidência, sabe?!

DR – Ah! Dá pra eles! Eu vou fazer a mesma coisa com os meus viu?!

LL – Então é o seguinte: “ô, ô”, uma hora gostaria de conversar pessoalmente porque eu acho que nós precisamos mudar alguma coisa nesse país.

DR – Você pode? Quando é que você vai?

LL – Ontem eu disse o seguinte: a única pessoa... Como é que pode um delegado da Polícia Federal dar uma declaração contra a mudança de ministro?

DR - Eu nunca vi isso, eu também nunca vi isso!

LL – Como é que pode? Como é que pode?

O conjunto das transcrições representam falas de Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Todas registram marcas típicas de uma fala mais relaxada, ora próxima ao informal (transcrições 1, 7, 8, 9 e 10), ora próxima ao mais ou menos formal (transcrições 2, 3, 4, 5 e 6). Os atendimentos dos bombeiros e SAMU estão categorizados como *mais ou menos formal*, haja vista que ou são os interlocutores que falam mais relaxado ou é a própria situação de emergência que faz os interlocutores, e o próprio atendente, diminuírem o nível de monitoramento de fala.

Todas as transcrições sinalizam o entendimento dos transcritores de variação como as palavras que sofreram alguma alteração fonética (síncope, aférese, apócope etc.), apesar de os interlocutores produzirem outras palavras em seus respectivos dialetos. Somente duas transcrições sinalizam palavras como variação lexical. Ou seja, a variação fonética ocupa o primeiro lugar na sinalização gráfica feita pelos transcritores e a variação lexical vem em segundo lugar.

Todas as dez transcrições apresentam marcas típicas da oralidade, porém apenas uma delas não grafa nem sinaliza as variações linguísticas do entrevistado, que é justamente a engenheira, de origem mineira e de nível social e escolar mais elevado (telenotícia 6). Por ser uma notícia de conteúdo jurídico, dado que se relata uma sessão da CPMI da Barragem de Brumadinho, compara-se essa transcrição do âmbito televisivo com a do âmbito jurídico, na qual é comum o registro do conteúdo das falas, sem se importar com o registro de variações linguísticas, quase sempre tidas como incorreções gramaticais. Ainda por esse viés, a transcrição dos áudios do ex-presidente Lula grafa, mas não sinaliza as variações linguísticas, apontando somente as palavras e as expressões de baixo calão (a variação lexical, por assim dizer).

7. CONCLUSÃO

A transcrição televisiva é, portanto, uma representação gráfica da fala, na qual se procura indicar marcas típicas da oralidade, tais como: a forma aferésica do verbo estar (tá) e a forma apocopada da preposição para (pra ou pro). Essa indicação da oralidade sinaliza o nível de formalidade retratado e objetiva mostrar uma fala mais relaxada, mais natural, algo apresentado como fiel ao que se coletou, sugerindo, então, que o repórter tão somente coletou uma fala e inseriu dentro de sua notícia.

A transposição do que se coletou para o que se vai noticiar não é um processo objetivo e natural, mas é atravessado pelas intenções do repórter (e da equipe editorial!), que seleciona o trecho de fala que mais se adequa ao seu propósito comunicativo e aos meios disponíveis para divulgar o gênero acionado para aquele momento.

A transcrição televisiva sinaliza também o modo como o transcritor (o jornalista) percebe e avalia a variedade linguística da pessoa cuja fala foi transcrita. Possivelmente, são da mesma região o transcritor, como um representante imediato da equipe jornalista, e a pessoa cuja fala foi representada na transcrição, logo fica comprometida a sensibilidade do primeiro para identificar o que é ou não uma variedade linguística. Tanto é que a maioria das variedades lexicais transcritas não são identificadas como variedades típicas de uma região, afinal o transcritor não estranha essa determinada palavra, tal como ocorre com o verbo *emborcar*, que é de uso comum nas regiões Norte e Nordeste do Brasil.

A transcrição televisiva é fruto de um julgamento subjetivo do transcritor, que decide colocar ou não uma marca gráfica (aspas ou itálico) em determinadas palavras para sinalizar que se trata de um uso linguístico que varia em relação ao padrão da língua portuguesa. O transcritor, que também sofre influência da equipe editorial do telejornal, percebe a gravação de um determinado modo e, como uma atitude, opta por transcrever a fala gravada também de um determinado modo.

Cabe também observar que, em nenhuma das transcrições televisivas, é usado o indicativo de erro gramatical, marcado pela expressão latina *sic*, conforme recomendam os manuais de redação jornalística. A ausência dessa marcação pode indicar que o transcritor veja as variações como tais, não como um erro gramatical. Porém, pode ser que a própria configuração do gênero não permita a inclusão de mais um elemento gráfico, sobrecarregando o aspecto visual da TT apresentada em rápidos segundos na televisão.

A transcrição televisiva, por fim, não objetiva ser uma representação fiel da fala, ou seja, não é uma transcrição fonética para o âmbito jornalístico, muito menos uma

transcrição especializada, visto que o público para o qual se destina a transcrição televisiva não conhece nem está familiarizado com esse tipo de representação técnica da fala.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Aluíza Alves de. O Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza - NORPOFOR. In: **Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, 2011, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF (CiFEFil), 2011. v. XV. p. 835-845.

ARMENGAUD, Françoise. **A pragmática**. São Paulo: Parábola, 2006.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro**. 4 ed. São Paulo: Parábola, 2004.

BHATIA, Vijaiy Kumar. **Worlds of Written Discourse**. London: Continuum, 2004.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. 2 ed. São Paulo: Educ, 2012 [1999].

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**. São Paulo: Parábola, 2002.

DIK, Simon. **The theory of Functional Grammar**. Part 1: The structure of the clause. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Dissecando a entrevista sociolinguística: estilo, sequência discursiva e tópico. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de (Eds.). **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Insular, 2014, p. 125-141.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista) e banco de dados Iboruna: 10 anos de contribuição com a descrição do português brasileiro. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 48, p. 276-297, 2019.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, Lachlan. **Functional Discourse Grammar: A Typologically - Based Theory of Language Structure**. Oxford: University Press, 2008.

MANUAL de Redação da Folha de São Paulo – versão virtual: https://www1.folha.uol.com.br/foalha/circulo/manual_redacao.htm - último acesso em 15 de novembro de 2019.

MANUAL de Redação do Jornal O Estado de São Paulo – versão virtual: <https://www.estadao.com.br/manualredacao/> - último acesso em 15 de novembro de 2019.

MORAIS, Caroline de; PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. Entrevista Narrativa: um gênero da pesquisa sociolinguística. In: **V SIGET - Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais**, Caxias do Sul, 2009. p. 320.

SWALES, John. **Genre Analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SWALES, John. **Research Genres**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

TAVARES, Maria Alice. Textos de diferentes gêneros produzidos em entrevistas sociolinguísticas: o caso do banco de dados VARSUL. **Veredas** (UFJF. Online), v. 2, p. 176-194, 2015.

VARFUL/Variação Linguística Urbana na Região Sul. **Amostra digital Varsul**. Biênio 2008 a 2010. Disponível em: http://varsul.org.br/downloads/projeto_amostra_digital_varsul.pdf - acesso em 08/11/19.



The graphic representation of linguistic variation in the television transcription genre

A B S T R A C T:

This article aims to discuss the graphic representation of linguistic variation in the television transcription genre. To this end, it analyzes the basis of Portuguese language spelling, discusses the status of genre within sociolinguistic studies, and characterizes television transcription as the genre that fulfills the function of textually presenting a speech within another genre, the television news. Such a presentation is not literal, but it follows social patterns of the journalistic sphere, which aims to build an image of the interviewee to the target audience. Television transcription is the graphical representation of speech as an argumentative function in the journalistic context.

KEYWORDS:

Genre;
Transcript;
Variation;
Orthography;
Television.